

E sempre, em meu olhar, o mesmo rosto*

Silvério Duque**

E sempre, em meu olhar, o mesmo rosto,
a mesma noite, o mesmo labirinto.
O anjo que eu vi cair, já recomposto,
evola-se na luz – Eu não o pressinto...?

Avistei-o, através deste sol-posto,
sob o livor da morte e meus instintos,
ardente e triste sobre os céus de agosto
como as coisas que vi e agora sinto,

pois maior é o Mistério à minha frente.
(Nesse vento indo e vindo pelas portas,
eu penso em Deus e nada está ausente...)

– Somos memória e a morte a todos corta,
meu irmão Esaú precito e crente,
mas só a visão de Deus é o que te importa".

* Este poema foi publicado, originalmente, em *A pele de Esaú*, 2010.

** **Silvério Duque** é poeta, músico e licenciado em Letras, pela Universidade Estadual de Feira de Santana. É autor de vários livros de poesia, dentre eles, *O crânio dos peixes*, (2002), *Baladas e outros aportes de viagem*, (2006). Seu próximo livro, *Ciranda de sombras*, está no prelo.